

# **CALDERON DINIS**

Entrevistado por Maria Augusta Silva

DEZEMBRO 1993

**As aguarelas e desenhos de Calderon Dinis são a própria pele da cidade do Tejo. Veja-se o álbum «Tipos e Factos da Lisboa do Meu Tempo». A policromia da cidade está a desaparecer.**

**Calderon Dinis, porém, não deixou que dela não haja lembranças e história de tantas histórias feitas. Com muita gente. Muitas ruas. Muitas voltas.**

As criações gráficas de Calderon Dinis são, a um só tempo, a osmose de mil janelas abertas sobre a vida e a interiorização de almas sem conta, ora amadas ora brigadas e sempre mortas de sede. Qual o mistério da Lisboa de Calderon Dinis? O da própria cidade. Mas residirá talvez mais no génio de quem a pinta como se de cada tela pudesse nascer um filho.

### **Lisboa é a eterna namorada?**

Uma namorada fiel ao meu amor por ela, desde que me deitou ao mundo.

### **Memórias da Lisboa da sua infância?**

Um Bairro Alto cheio de vivacidade. Muita bordoada. Muitos *ó da guarda!* Muitos fadistas a tratarem-se das facadas no posto da Misericórdia, lá no alto da Calçada da Glória.

### **Sente-se perdido na cidade de hoje?**

São outros tempos, outra gente. Um comportamento talvez mais frio. Antigamente, convivia-se mais.

### **As pessoas desapegaram-se?**

Essa é a verdade. Vive-se em prédios enormes, as pessoas nem se conhecem. Outrora, os prédios eram mais pequenos. Os namoros tinham muita graça. Lembro-me de um rapaz que rapava a bengala no passeio para dar sinal à namorada, que ficava à janela de um segundo andar. Era miúdo e achava piada. Perguntava à minha mãe: «Como é que eles se entendem?» «Não tens nada com isso», respondia-me.

### **Acabou por seguir o mesmo esquema?**

Pior, porque namorava a rapariga debruçada numa janela de um terceiro piso. Explicava-me por mímica. E uma senhora do segundo traduzia metade das coisas de baixo para cima e de cima para baixo. Resultado: devolvemos as cartas e os retratos, pronto.

### **Procurou namorada no rés-do-chão?**

Claro! E namorei um bocado. Tive um namoro sério por volta dos 23 anos. Fiz há pouco uma poesia sobre esse amor. Gostava realmente da rapariga. Mas deu barulho. Ela morava na Calçada da Estrela e aprendia piano na Rua São João dos Bem-Casados (atual Rua Silva Carvalho). Conversávamos sempre com a mãe e a

irmã atrás de nós. Uma chatice. Agora é um regalo.

### **Há menos hipocrisia?**

Sem dúvida alguma. Só tenho pena de no meu tempo não poder ser assim.

### **Ficou feliz quando conseguiu dar o primeiro beijo à sua namorada?**

Se fiquei! Ela ainda mais. Não é que a rapariga me desmaiou nos braços! Íamos apanhar um elétrico. Havia uma porta aberta. Olhei, não vi ninguém, agarrei-a para junto da escada e ferrei-lhe um beijo. Zás, desmaiou. Vi-me aflito para a trazer cá para fora.

### **O primeiro grande amor deixou marcas?**

De tal maneira que, a dado momento, soube que o marido falecera. Passei a mandar-lhe um telegrama no dia do aniversário dela. Só mais tarde deu notícias: «Muito obrigada.» E o nome dela. Fiquei alvoraçado. Contactámo-nos num café do Chiado: nhã-nhã-nhã, umas conversas, adeus até logo, a nostalgia. E acabou-se.

### **Que sentimentos mais valoriza?**

A amizade. É das coisas mais firmes.

### **Alguma coisa de importante ficou por fazer?**

Só o aspeto de não ter filhos. Mas como tenho sobrinhos muito bons, ocupam esse lugar.

### **O apelo da arte, como surge?**

Já fazia bonecos no liceu. Detesto a matemática. Pouco mais sei que quatro e três são sete. Ao princípio, até gostava dos números. Mas um dia o professor de Matemática apanhou-me a fazer a caricatura de Manuel de Arriaga, ficou a odiar-me e eu a ele. Felizmente, tirava boas notas nas outras disciplinas, especialmente a Desenho, e compensavam.

### **E o jornalismo?**

Acabei o liceu e falei com o meu pai. Estava ao pé dele o guarda-livros do *Diário de Notícias*, que perguntou: «Então, que vais fazer?» Atrevi-me: «Olhe, vou para jornalista lá para o DN.» E ele disse-me: «Está bem. Amanhã apresenta-te.» Tudo começou a 20 de Julho de 1920. Mas o primeiro trabalho foi na contabilidade, a escrever letra francesa com aparos de bicos cortados. Quando regressei a casa, disse ao meu pai: «Não volto ao jornal.» Aconselhou-me a voltar, que as coisas iam modificar-se. Assim foi, mas demorou algum tempo.

## **Como vê o jornalismo dos anos vinte e o de hoje?**

Tão diferente! Basta ler no DN a secção «Memória do Tempo» e fartamo-nos de rir.

## **O objetivo jornalístico será tão diferente?**

Os jornalistas tentam produzir um bom jornal. O difícil para alguns é escrever português como deve ser. E o leitor aborrece-se com isso. Mas o problema da qualidade põe-se em todas as áreas.

## **Os jornais andam desencontrados dos leitores?**

O leitor do jornal gosta do pormenor que complete as notícias da rádio e da televisão. E ele quase desapareceu. A reportagem, por exemplo, além de explicitar o objetivo, terá de ser bem escrita, o que, às vezes, falha. As entrevistas são também muito importantes, mas devem ser boas e não fazer de estúpido o tipo que está a ler.

## **Alguma reportagem o marcou especialmente?**

A Volta a Portugal, reportagem viva, dura, emocionante. O incêndio do Limoeiro. A revolução de 7 de Fevereiro. Assim que estalou, fui para o *Diário de Notícias*, no Bairro Alto. O redator Mário Salgueiro estava metido no movimento e convenceu o diretor a sair com um suplemento proclamando a revolução vitoriosa, quando, afinal, não estava. Às duas por três, tínhamos fome e nada para comer.

## **Quem vos salvou?**

Apareceu a dona Adelaide com uma grande panela. Ia cozinhar uma sopa de feijão no sótão. As tropas do Governo mandaram, entretanto, uns balázios sobre um edifício de São Pedro de Alcântara onde se encontravam os revolucionários. O primeiro estoirou na esquina do *Diário de Notícias*, na Travessa do Poço. Lá se foi a panela, o feijão e o arroz.

## **E a fome, que mata milhões de pessoas?**

Horrível! Escusam de ralar-se os homens que se sentam à mesa das grandes conferências, porque atrás deles devem estar os negociantes de armamento. Veja-se a brutalidade em Serajevo. Só um homem forte poderá dominar aqueles ódios.

## **A paz terá de sacrificar as liberdades?**

Perder a liberdade é terrível, ainda mais quando já se gritam por aí coisas a favor do nazismo.

### **Que diz das ciências políticas?**

Se orientadas acertadamente, tudo bem. Mas cada homem tem a sua ideia e o perigo é aparecerem uns a querer dominar os outros. A democracia é a coisa mais bela, mas difícil.

### **Qual seria o esquema ideal de governação?**

O dos nórdicos: Noruega, Suécia...

### **Adepto da monarquia?**

Aquelas monarquias são democracias autênticas.

### **Culturalmente, que lhe diz Portugal?**

Poderia ir melhor, se houvesse mais desenvolvimento, mais cortesia, melhores serviços de saúde. Mas o homem é cada vez mais inimigo do homem. Inventam-se as máquinas, são mais rentáveis, mas ficam as pessoas sem trabalho.

### **Das suas memórias, alguma mais grata.**

Dois cruzeiros à Itália. Um encanto extraordinário. A história antiga respeitada. Os monumentos conservados. Em Portugal, tem-se a mania de querer deslumbrar toda a gente com obras gigantescas, desajustadas dos espaços. Estão a transformar-se o carácter e a cor de Lisboa. Hoje, enchem-se os prédios de vidros por ali acima. Olhe o caso do Monumental. Aquele teatro nunca devia ter sido demolido. Era uma época. Dizem que o Centro Cultural de Belém e o edifício da Caixa Geral de Depósitos marcam esta época. Então, porque destruíram os que marcavam, também, uma época? Repare-se no Martim Moniz. Outro pavor. Se não acodem à Senhora da Saúde, até a capelinha vai abaixo.

### **Que faria, prioritariamente, para Lisboa 94?**

Protegia o carácter antigo das casas, sem deixar de dar às populações o maior conforto no interior.

### **Dos pintores e escritores que mais «cantaram» Lisboa, algum lhe despertou particular apreço?**

Martins Barata e as suas telas. Eça, que fez Lisboa na sua obra. É um regalo lê-lo.

### **A literatura portuguesa contemporânea vai de boa saúde?**

Temos tanta gente a escrever bem! Às vezes com surpresas de estilo, como Saramago. Poetas? Eugénio de Andrade à frente de todos. E Natália Correia. Talvez só agora estejamos a descobri-la em toda a sua profundidade. Géneros

poéticos? O soneto diz tudo, caramba!

**A crise editorial será por falta de leitores ou por falharem autores que mobilizem o público?**

Falha, sobretudo, a divulgação das obras. A publicidade é cara e os editores retraem-se, para não agravar mais o custo do livro. E eu defendo o preço fixo.

**A sua memória é um tratado antropológico. Qual a esperança de um homem aos 91 anos?**

Continuar até ao ano 2000. Já agora, gostaria de ver como se fará a passagem do século. Dizem que rebenta o mundo. E eu quero ver!

© *MARIA AUGUSTA SILVA*

**TAMBÉM NESTE SÍTIO**  
CALDERON DINIS  
NO ESPAÇO 'ARTE PLURAL'

LER

[http://www.casaldasletras.com/maria\\_Arte\\_plural.html](http://www.casaldasletras.com/maria_Arte_plural.html)